

GT 46: História(s) da(s) Antropologia(s): temas e tendências

Etnologia indígena na Alemanha: das tradições bastianas e boasianas até o cenário atual¹

Peter Schröder (PPGA/DAM/UFPE)

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar como se entende a prática acadêmica da etnologia indígena no contexto institucional da antropologia na Alemanha e como as políticas indigenistas dos estados-nação americanos entraram em suas pautas de pesquisa. Na antropologia alemã há uma longa tradição de etnologia indígena que remonta até os inícios da institucionalização da área em espaços museais no século XIX. Na Alemanha, a etnologia indígena não existe com esta denominação, mas suas pesquisas tradicionalmente fazem parte das especializações regionais, ou seja, são expressões dos diversos americanismos etnológicos com suas subdivisões. O *Geist* das pesquisas etnológicas focalizadas nos indígenas americanos nunca era contribuir, indiretamente, para as ideologias ou políticas do *nation-building* dos estados-nações americanos, mas geralmente tinha objetivos bastante idealistas, pautados, principalmente, em ideais que podem ser vinculados às tradições que se manifestam nas obras de Bastian e Boas. As políticas indigenistas dos estados-nações americanos inicialmente entraram nos estudos etnográficos alemães apenas como informações complementares, na segunda metade do século XX. A partir da década de 1970, porém, começou uma mudança lenta, mas coerente: a atenção dada às políticas indigenistas nas Américas virou assunto de pesquisas antropológicas e até entrou nas pautas de diálogos entre a antropologia acadêmica e as agências e organizações de cooperação internacional, tirando a etnologia indígena praticada na Alemanha um pouco de sua marginalização nos cenários acadêmicos.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Palavras-chave: etnologia alemã; americanismos; história da antropologia.

Introdução

Para a maioria dos antropólogos formados em universidades brasileiras hoje em dia a paisagem intelectual e institucional da antropologia alemã representa algo tão distante das obrigações curriculares quanto conhecer um mapa dos principais territórios étnicos no Afeganistão. As ementas de disciplinas de história e teoria antropológica em grades curriculares da graduação e pós-graduação geralmente focalizam três grandes tradições nacionais hegemônicas, segundo a terminologia proposta de Ribeiro (2006): a estadunidense, a britânica e a francesa, além da brasileira, com algumas digressões pontuais nas obras de autores de outras linhagens. Até para muitos pesquisadores seniores na antropologia brasileira, a antropologia alemã, antiga e atual, representa uma terra incógnita. No entanto, como constata Eriksen e Nielsen (2007, p. 26): “De qualquer modo, devemos observar que a institucionalização da antropologia começou em áreas de língua alemã, e não na França ou na Inglaterra – um fato que muitas vezes é negligenciado nos relatos históricos da antropologia”. Uma observação confirmada pelo trabalho contundente de Vermeulen (2015).

Esta situação era bastante diferente na primeira metade do século XX e ainda, em forma residual, nas décadas de 1950 e 1960. Isto também tem a ver com a etnologia indígena praticada por etnólogos alemães no Brasil e em países vizinhos.

Enquanto em muitos cenários acadêmicos atuais a antropologia alemã é vista como representando uma tradição hoje em dia “periférica” (no sentido de Roberto Cardoso de Oliveira, 1988), ou ex-hegemônica, a autopercepção do *establishment* da própria área na Alemanha pode ser muito diferente. Assim, João de Pina Cabral observou, em 2002, durante um evento no Instituto Max Planck de Antropologia Social, um centro de excelência de pesquisa antropológica em Halle (Saale), no leste da Alemanha: “[...] o Instituto convidou vários colegas para apresentarem uma série de conferências sobre as fontes da antropologia. O encontro chamou-se “Quatro tradições”: escusado será dizer, francesa, inglesa, alemã e americana” (Pina Cabral, 2004, p. 261). Um colega da Universidade de Bonn, Christoph Antweiler, chamou esta postura de “provincianismo presunçoso”. As críticas a este tipo de autorrepresentação historicamente explicável,

porém anacrônica no contexto atual, são articuladas tanto por diversos representantes da própria área no contexto universitário quanto por vozes de uma antropologia crítica não vinculada ao *establishment* universitário e museal (ver como um exemplo Petermann, 2010).

O tema desta comunicação, no entanto, não é nem a situação atual ou passada da antropologia alemã, nem sua percepção em outros contextos nacionais, mas a etnologia indígena na Alemanha e a incorporação de políticas indigenistas de estados-nação americanos em seus interesses de pesquisa e de atuação acadêmica e não-acadêmica. Minha hipótese principal é que a percepção da etnologia indígena praticada por antropólogos alemães (ou de língua alemã) está vinculada à percepção da antropologia alemã em termos mais gerais no contexto internacional.

A abordagem ao tema é uma revisão histórica da etnologia indígena na Alemanha até o cenário atual. Para facilitar a compreensão optei por uma estruturação histórico-cronológica, focalizando diversos períodos na história da antropologia na Alemanha.

Como a etnologia indígena é entendida nos países de língua alemã

Na Alemanha, a denominação oficial mais comum da antropologia era até recentemente *Ethnologie*, mas também há vários institutos de *Kulturanthropologie* ou *Sozialanthropologie*, por exemplo na Universidade de Marburg, onde a área é chamada *Fachgebiet Sozial- und Kulturanthropologie* (Área Antropologia Social e Cultural). *Ethnologie* tinha se tornado a denominação predominante a partir da década de 1980, para substituir o antigo nome da área, *Völkerkunde* (estudo dos povos), o qual se referia ao estudo das culturas de povos não europeus, enquanto seu antônimo, *Volkskunde*, era o estudo das culturas populares na própria sociedade. Os institutos de *Volkskunde* foram rebatizados em institutos de etnologia europeia (*Europäische Ethnologie*) ou antropologia cultural da Europa (*Kulturanthropologie Europas*), mas em quase todos os ambientes institucionais a velha distinção entre antropologia europeia e não europeia praticamente desapareceu. A velha denominação *Völkerkunde* foi mantida, por algum tempo, nos nomes de alguns museus etnológicos (por exemplo, Museum für Völkerkunde Hamburg), enquanto outros museus foram rebatizados, seguindo

tendências globais, em “museus das culturas do mundo” (por exemplo, Rautenstrauch-Joest-Museum – Kulturen der Welt, em Köln).

A denominação histórica *Völkerkunde* ainda foi mantida, até 2017, no nome da associação dos antropólogos alemães, DGV (*Deutsche Gesellschaft für Völkerkunde*), fundada em 1929, apesar de ter-se tornado obsoleta nas práticas de autoidentificação e autorrepresentação. Em 2017, numa reunião dos sócios da associação, em Berlim, foi decidido, num afã de exorcismo do passado e de aproximação às antropologias anglófonas, rebatizar o nome da associação em DGSKA – *Deutsche Gesellschaft für Sozial- und Kulturanthropologie*, o que provocou reações veementes de uma série de sócios, sobretudo seniores, detalhadamente documentadas em Antweiler et al. (2019).

No entanto, a antropologia nos países de língua alemã (Alemanha, Áustria, Suíça) continua a pesquisar majoritariamente culturas não europeias, com suas especializações regionais. Desse modo, a formação curricular tradicional, que obriga os alunos a optar por enfoques temáticos (antropologia econômica ou política, por exemplo) e regionais (Oriente Médio ou América Central, por exemplo), ainda não foi abandonada. E isto também explica como se entende a etnologia indígena nos países de língua alemã.

Até existe uma área chamada *Altamerikanistik* (*ancient America studies*), que estuda as culturas pré-colombianas das Américas. É uma área interdisciplinar que agrega pesquisas arqueológicas, linguísticas, filológicas, etnológicas e históricas. Seu enfoque tradicional são as sociedades indígenas estratificadas do México, da América Central e dos Andes dos períodos pré-colombiano e colonial. Nas últimas duas décadas, a área encolheu consideravelmente no decorrer das reestruturações da paisagem universitária, as quais afetaram em particular as ciências humanas menores. Segundo o portal *Arbeitsstelle Kleine Fächer* (departamento áreas pequenas)² atualmente ainda é possível se formar em *Altamerikanistik* em duas universidades (Universidade Livre de Berlim e Universidade de Bonn), onde há, no total, apenas quatro vagas de professor titular, ou seja, permanentes para a área. O último instituto antropológico com *Altamerikanistik* como principal enfoque curricular e de pesquisa é da Universidade de Bonn. O autor destas linhas, por exemplo, fez seu doutorado na Universidade de Bonn (Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn) em *Ethnologie unter besonderer Berücksichtigung der Altamerikanistik* (etnologia com consideração especial das culturas indígenas antigas das Américas), sob orientação do mexicanista Hanns J. Prem.

² <http://www.kleinefaecher.de/>; acesso em 19/08/2022.

Nos países de língua alemã, a etnologia indígena não existe com esta denominação, mas suas pesquisas tradicionalmente fazem parte das especializações regionais, ou seja, são expressões dos diversos americanismos etnológicos com suas subdivisões (etnologia sulamericanista ou etnologia mexicanista, por exemplo). Desse modo, há, por exemplo, instituições com concentração regional na América Latina, com especialistas em culturas indígenas e/ou não indígenas do México, das regiões andinas ou do Brasil. O *Geist* das pesquisas etnológicas alemãs focalizadas nos indígenas americanos nunca tem sido contribuir, indiretamente, para as ideologias ou políticas do *nation-building* dos estados-nações americanos, mas geralmente tinha, e muitas vezes ainda tem, objetivos bastante idealistas, pautados, principalmente, em ideais que podem ser vinculados às tradições que se manifestam nas obras de Bastian e Boas.

Do século XIX até a década de 1960:

Etnologia indígena como americanismos regionais

Na Antropologia de língua alemã há uma longa tradição de estudos sobre os indígenas das Américas que remonta às viagens e expedições de naturalistas e aos inícios da institucionalização da área em espaços museais no século XIX. Apenas uma parte das expedições tinha como objetivo principal estudar a vida contemporânea e passada dos ameríndios (Hermannstädter, 2002a). No século XIX predominava um colecionismo eufórico com base no pensamento de poder representar tanto o conjunto da diversidade cultural humana por objetos, a serem guardados e expostos em museus como peças características e indicativas de determinados “tipos” culturais, quanto a evolução cultural da humanidade (Penny, 2002). Os museus etnológicos em diversas cidades, em parte criados e sustentados por doações da burguesia local, concorreram entre eles pelo prestígio das coleções etnográficas adquiridas.

Adolf Bastian (1826-1905) não só era um dos primeiros antropólogos profissionais na Alemanha, em sua função de diretor do Museu Etnológico de Berlim, mas também elaborou uma teoria dos objetos própria que dava suporte teórico a seu colecionismo frenético e incansável de objetos e informações (Hermannstädter 2002b). Ao contrário de outras teorias da época, o pensamento de Bastian não se baseava numa ideia de evolução unilinear, porém em um modelo de espiral com períodos de avanços, estagnações

e retrocessos. Mas, afinal de contas, o rolo compressor da civilização ocidental venceria (Köpping, 2001). Bastian tinha a convicção de que as culturas indígenas estavam condenadas à extinção, e a grande tarefa da etnologia seria registrar, para a literatura especializada e para os museus, e com urgência, todas essas manifestações antes de elas ficarem perdidas para sempre (Bastian, 1881, p. 181). Eis aí, o espírito salvacionista da etnologia alemã em sua versão mais nítida. A disposição incansável de registrar, num esforço individual quixotesco, todas as manifestações culturais não ocidentais no mundo da época, no entanto sem chegar a uma síntese explicativa, ficou um traço biográfico não reproduzido por seus sucessores.

Bastian faleceu em Port of Spain, Trinidad, durante sua nona viagem, caracterizada, como as anteriores, por ambições enciclopédicas, as quais ainda hoje em dia encontram sua expressão impressionante na quantidade de objetos depositados no Museu Etnológico de Berlim, um dos maiores de sua categoria no mundo inteiro. Das grandes coleções americanistas fazem parte cerca de 35.000 objetos das terras baixas da América do Sul, principalmente da Amazônia, do Gran Chaco, da Patagônia e da Terra do Fogo (König, 2003, p. 8). A etnologia praticada por Bastian tinha ambições de história cultural universal, e suas ideias oscilavam entre empirismo, romantismo e psicologia. Para Bastian, objetos culturais expressavam características mentais coletivas, o que permite entender o antigo enfoque de pesquisa na antropologia alemã em estudar tanto as manifestações culturais materializadas quanto os aspectos não materializados da vida religiosa. Isto ainda pode ser percebido nas expedições colecionistas e de pesquisa etnográfica empreendidas por Nimuendajú com financiamento por museus etnológicos alemães no final da década de 1920 e na primeira metade dos anos 1930.

O que a obra boasiana herdou de Bastian foram principalmente a orientação empírica e o ceticismo com relação aos esquemas especulativos do evolucionismo unilinear. A etnologia americanista alemã e a obra de Boas tinham os mesmos pontos de partida, porém tomaram rumos diferentes nos dois contextos intelectuais nacionais. Como denominador comum restaram um empirismo sólido e sóbrio e uma cautela cética muito forte com relação a teorizações com ambições universalistas.

O que se pode chamar, em revisão histórica, o período mais glorioso da etnologia alemã, entendido como um conjunto de pesquisas de caráter pioneiro que abriria novos caminhos e deixaria um rico legado de publicações com informações etnográficas, é o período entre a década de 1880 e a Primeira Guerra Mundial. Este período foi analisado com base em pesquisas documentais na tese brilhante de Michael Kraus (2004) sobre as

expedições etnológicas alemãs na Amazônia. Alguns dos nomes mais destacados entre os etnólogos americanistas da época são Karl von den Steinen (1855-1929), Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), Max Schmidt (1874-1950) ou Paul Ehrenreich (1855-1914). Estes também podem ser citados como organizadores importantes de coleções de origem brasileira depositadas no Museu Etnológico de Berlim. As atividades colecionistas de etnólogos alemães no Brasil até eram tema de uma exposição do museu em 2002/03 com o título “Alemães no Amazonas – pesquisadores ou aventureiros? Expedições no Brasil, 1800 a 1914” (Staatliche Museen zu Berlin, 2002). Esta fase colecionista terminou com a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Nenhum dos etnólogos citados pode ser classificado como evolucionista no sentido clássico, mas eles podem ser vinculados à tradição bastiana e, em particular, a opções de pesquisa favoráveis a um empirismo rigoroso para subsidiar histórias culturais no sentido difusionista. A etnologia praticada por esses antropólogos tem muito mais a ver com as visões particularizantes da tradição boasiana do que com os evolucionismos unilineares predominantes nas antropologias britânica e americana da época, antes da ascensão e vitória do funcionalismo e do culturalismo, respectivamente.

Na antropologia alemã predominava, até a Segunda Guerra Mundial, o pensamento difusionista e histórico-particularista. Uma parte dos antropólogos alemães americanistas, inclusive, rejeitou com veemência as teorias articuladas no âmbito da Escola (Vienense) de Círculos Culturais (*Kulturkreislehre*), sob a liderança do Padre Wilhelm Schmidt. Como um exemplo por excelência destas críticas pode ser citada a tese de doutorado de Max Schmidt (1917; cf. Petschelies & Schröder, 2021). Porém, a antropologia clerical centrada em Viena representava um dos maiores centros de poder da antropologia de língua alemã na primeira metade do século XX até o período pós-guerra, ou seja, até meados da década de 1960.

As políticas indigenistas quase não eram assunto dos estudos etnológicos alemães da época: nem aquela do Império brasileiro, nem aquela da Velha República, nem aquelas de outros países latino-americanos. As culturas indígenas costumavam ser descritas e analisadas numa abordagem atemporal que ignorava, majoritariamente, as influências dos ambientes sociais, econômicos e políticos não indígenas. Apenas em correspondências particulares alguns etnólogos emitiram comentários sobre os caminhos e desmandos de políticas indigenistas nacionais. Isto fica evidente, por exemplo, na correspondência entre Theodor Koch-Grünberg e Curt Nimuendajú, de 1915 a 1924, arquivada na Universidade de Marburg.

O acompanhamento apenas relutante dos debates internacionais e das transformações teóricas por parte do *establishment* universitário e museal da antropologia alemã, depois da Primeira Guerra Mundial, teve como consequência uma estagnação teórica que ainda podia ser observada na segunda metade do século XX, inclusive na etnologia dos indígenas americanos (Pinheiro et al., 2019).

Além disso, a derrota dos impérios alemão e austro-húngaro na Primeira Guerra Mundial teve consequências dramáticas para as atividades científicas, em particular nas áreas das humanas, nos dois países, de modo que se pode constatar que a etnologia, inclusive a americanista, sofreu um declínio abrangente nos anos que seguiram a derrota militar. A crise financeira permanente na República de Weimar afetou de forma drástica os fomentos de pesquisas antropológicas, com algumas exceções. Foi neste período complicado para a sobrevivência da antropologia universitária e museal na Alemanha que os museus de Leipzig, Dresden e Hamburg, por exemplo, financiaram, com muitas dificuldades, duas expedições de Nimuendajú.

Durante o Terceiro Reich, a antropologia cultural, com poucas exceções, foi considerada uma ciência relativamente periférica, embora novas cátedras fossem inauguradas. Os indígenas americanos não faziam parte das populações para as quais se dirigia o interesse principal do regime nazista. Aquela parte dos etnólogos americanistas que não emigraram, como o ‘proto-estruturalista’ Fritz Krause (1881-1963; Wolfradt 2011), ou se adaptaram silenciosamente às pressões do regime ou o apoiaram descaradamente, como o próprio Krause. O envolvimento de antropólogos alemães e austríacos com o nazismo, no entanto, tornou-se objeto de estudos críticos apenas a partir da década de 1980, com novas gerações de antropólogos revoltados com o silêncio que por mais de três décadas tinha marcado o campo profissional nos institutos universitários e museus etnológicos com relação ao período de 1930 a 1945 (Hauschild, 1995; Menne, 2011).

Depois da guerra, o *establishment* da antropologia alemã geralmente agiu como se nada tivesse acontecido nos anos do regime nazista, tentando dar continuidade a estilos e enfoques de pesquisa do período anterior ao nazismo. Isto, no entanto, funcionou apenas nos círculos internos, onde os catedráticos podiam exercer uma forte pressão de adaptação sobre os jovens antropólogos em formação, profissionalmente dependentes da aprovação de seus professores/orientadores (Oberdiek, 2013). Uma consequência dessa opção política de não enfrentar o próprio passado era desconectar o cenário nacional dos debates internacionais, condenando a área a um provincianismo estagnado em sua presunção. A obra de Lévi-Strauss, por exemplo, foi rejeitada de forma contundente ou

simplesmente ignorada por muitos catedráticos até a década de 1980. As críticas publicamente articuladas contra o estruturalismo francês fazem lembrar os comentários de Herbert Baldus (1899-1970) em sua *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira* (1954, p. 392-395), sobre os trabalhos de Lévi-Strauss. Apenas uma minoria dos professores e uma série de antropólogos críticos não vinculados ao *establishment* universitário leram atentamente e elogiaram a obra lévi-straussiana, enquanto muitos representantes de outras ciências humanas na Alemanha celebraram os livros do autor, os quais todos foram traduzidos para o alemão e publicados pela conceituada editora Suhrkamp, de Frankfurt.

O *establishment* da antropologia alemã da época é responsável, direta e indiretamente, por uma marginalização da área no cenário institucional pós-guerra e na sociedade alemã. Esta posição marginal até hoje só foi superada em parte. Uma das melhores referências atuais sobre a antropologia alemã na antiga República Federal (RFA) é o livro de Dieter Haller (2012) que realizou numerosas entrevistas com testemunhas³. Haller estabeleceu uma periodização com as denominações seguintes: reconstrução (1945-1955), consolidação (1955-1967), rebelião (1967-1977) e estagnação (1977-1990). O período atual recebeu o rótulo “economização”, referência a tendências de produtivismo neoliberal mais gerais nas diversas áreas acadêmicas do país depois da reunificação.

O que foi dito sobre a antropologia alemã em termos gerais também pode ser constatado sobre a etnologia americanista praticada na época. Os interesses etnológicos principais continuavam ser contribuições histórico-culturais sobre culturas indígenas consideradas ‘intatas’ ou pouco ‘afetadas’ pelos contatos com as sociedades nacionais, ou manifestações culturais vistas como ‘ameaçadas’, para caracterizar seus estudos como tarefa com certa urgência devido ao perigo de seu desaparecimento irrevogável (por exemplo, Becher, 1962). Em outras palavras, era praticada uma etnologia americanista com feições que estavam se tornando cada vez mais anacrônicas. Exemplos por excelência desse americanismo são alguns trabalhos do etnólogo Hans Becher com problemáticas difusionistas que hoje em dia nos parecem exóticas e pouco inteligíveis, como aqueles sobre a “posição do socó” (Cascudo, 2002), ou *one-leg resting position* (Niloten-

³ O livro é resultado de um projeto de pesquisa ambicioso e muito interessante. Uma parte do material de pesquisa, sobretudo as entrevistas, pode ser acessada através do portal: *Interviews with German Anthropologists: Video Portal for the History of German Anthropology post 1945* (disponível em: www.germananthropology.com; acesso em 22/08/2022)

stellung, em alemão, “posição de nilotas”), entre os Surára e Pakidái, dois subgrupos dos Yanomami. Mas Becher, que frequentemente se apresentava como discípulo de Herbert Baldus, também era um etnógrafo dedicado e sério, tendo publicado estudos pioneiros sobre dois grupos indígenas contatados por ele na década de 1950.

Isto nos remete, por sua vez, ao lado forte da etnologia americanista na Alemanha (Occidental) da época: a tradição etnográfica, vinculada a trabalhos de campo prolongados, com forte saturação empírica. O que explica, indiretamente, a rejeição da obra lévi-straussiana, a qual costumava ser acusada, por muitos catedráticos, de se apoiar em especulações intelectualistas sem embasamentos empíricos⁴.

Como um exemplo por excelência de etnografias americanistas, tão detalhistas quanto diversos estudos do próprio Boas, pode ser citada a monografia de Zerries e Schuster (1974) sobre uma aldeia dos Waiká no alto Orinoco, na Venezuela. Em mais de 400 páginas são apresentados os mais diversos aspectos da vida dos moradores, registrados detalhadamente e organizados por tópicos que podem ser consultados, como se fosse um catálogo. Seria uma tarefa ingrata para uma parte dos adeptos do pós-modernismo ir à procura de recursos literários em obras desse tipo.

Outro aspecto importante dos americanismos antropológicos praticados na Alemanha Occidental depois da Segunda Guerra Mundial eram as contribuições aos estudos das culturas indígenas antigas da América Central e da região andina no âmbito da *Alt-amerikanistik*. Nesta área, a antropologia de língua alemã conseguiu conquistar mais projeção internacional do que na própria etnologia americanista voltada para as sociedades indígenas contemporâneas. Para citar apenas um exemplo destacado: as contribuições de Nikolai Grube, do Departamento de *Altamerikanistik*, da Universidade de Bonn, à decifração da língua maia clássica nas décadas de 1980 e 1990.

Nos trabalhos das etnologias americanistas de língua alemã do período pós-guerra, as políticas indigenistas dos estados-nações americanos inicialmente entraram apenas como informações complementares. A preocupação com suas instituições e atuações era um assunto periférico nas publicações, embora não seja possível afirmar se a mesma observação pode ser feita sobre as informações não publicadas que circularam entre os antropólogos da época.

⁴ Uma reação até cômica por ser citada como um exemplo. O mexicanista e especialista em etnohistória asteca Peter Tschohl (1935-2007), em uma aula no Instituto de Etnologia da Universidade de Köln, na década de 1980, para um aluno que ‘ousou’ se referir ao estruturalismo francês para abordar uma questão debatida em sala de aula: “Verschonen Sie uns mit diesem Nebelgiganten!” (nos poupe desse gigante da nebulosidade).

Mas é uma ironia da história que a política indigenista brasileira na década de 1960 serviu de gancho e estopim para tentar encenar uma revolta dos jovens antropólogos e estudantes contra o *establishment* da área.

Da década de 1960 à década de 1990

A 11ª Reunião da Associação Alemã de Etnologia (Deutsche Gesellschaft für Völkerkunde/ DGV), realizada, em 1969, na Universidade de Göttingen, entrou na história da antropologia alemã como um evento extraordinário, e o autor de um artigo de revisão histórica crítica sobre o congresso (Braukämper, 2002) até se perguntou se ele não representou (ou ainda representa) um trauma para toda uma geração de antropólogos. Realizado durante o período do auge das rebeliões estudantis de 68, o evento ficou marcado por debates acalorados, reivindicações por transformações radicais no sistema universitário, diversas acusações políticas e interrupções barulhentas de conferências. Uma das vítimas principais foi justamente Hans Becher, quando este tentou proferir sua palestra sobre uma questão de história cultural dos Yanomami na velha *façon* difusionista. Ele foi acusado de ter omitido sabidamente em sua fala os genocídios praticados contra os indígenas no Brasil, que foram amplamente divulgados pela mídia da época. Uma resolução contra o genocídio de indígenas no Brasil virou uma peça central do evento. Sobre os impactos do evento para a antropologia na RFA do pós-guerra ver também o artigo instigante de Dieter Kramer (2016).

Esta reunião da DGV afetou todo o clima institucional na área até os meados da década de 1970. A ‘revolução’ foi encenada em alguns institutos e departamentos como, por exemplo, em Marburg, cuja etnologia tradicionalmente tem orientação sul-americanista desde os tempos de von den Steinen e Koch-Grünberg. O diretor do instituto em Marburg, de 1963 a 1988, Horst Nachtigall (1924-2013), foi impedido temporariamente de entrar em seu instituto, onde os estudantes rebeldes instalaram uma autoadministração, inclusive das disciplinas curriculares. Porém, o fôlego revolucionário apagou-se nos anos seguintes.

A década de 1970, no entanto, trouxe algumas novidades para a etnologia americanista. Os alicerces da velha tradição americanista começaram a ruir. As relações dos indígenas americanos com as sociedades não indígenas e com as instituições dos estados-nação

americanos tornaram-se assuntos quase inevitáveis para a antropologia acadêmica nas universidades e nos museus. Um dos expoentes mais destacados dos novos rumos de uma antropologia crítica e engajada na Alemanha (Occidental) tem sido Mark Münzel (*1943), o qual, a partir dos anos 70, publicou uma série de trabalhos, em parte para a divulgação científica e informação política, sobre os genocídios e etnocídios praticados em diversos países latino-americanos (Münzel, 1978, por exemplo). Como *Kustos* (ou curador) do Museu de Etnologia em Frankfurt, entre 1973 e 1989, Münzel também organizou exposições que denunciaram os destinos de diversos povos indígenas na América Latina e as recorrentes violações de direitos humanos dos quais eles eram vítimas (como um exemplo de um catálogo de uma exposição em Frankfurt, ver Münzel, 1983). Em 2014, Münzel foi homenageado, em Madri, com uma medalha por ter sido, na década de 1970, ao lado do antropólogo espanhol Bartomeu Melià (1932-2019), um dos primeiros que denunciaram o genocídio contra os Aché no Paraguai. Como diretor do Instituto de Etnologia na Universidade de Marburg, de 1989 até sua aposentadoria, em 2008, Münzel contribuiu, de forma bem-sucedida, para abrir as portas para uma maior internacionalização da antropologia alemã com enfoque regional latino-americano, principalmente por dialogar com diversas antropologias latino-americanas. Desse modo, ‘internacionalização’ não foi entendida como sinônimo de olhar exclusivamente para certas antropologias predominantes no hemisfério norte.

Trabalhos acadêmicos sobre as políticas indigenistas dos estados-nação americanos progressivamente tornaram-se aceitáveis nos meios universitários e museais, em particular a partir da década de 1980. Desse modo, o autor desta comunicação pôde defender sua tese de doutorado na Universidade de Bonn, em 1993, sobre o surgimento de novas modalidades de organizações políticas indígenas no Brasil a partir da década de 1970 (Schröder, 1993). Estas políticas, indígenas e indigenistas, hoje em dia representam assuntos ‘normais’ na antropologia alemã, mas também são abordados, frequentemente, por sociólogos de orientação latino-americanista.

Além dos ambientes acadêmicos universitários e museais, também é necessário mencionar as atividades de antropólogos de língua alemã em organizações não-governamentais ambientalistas, de desenvolvimento e de direitos humanos, onde as políticas indigenistas nas Américas têm representado temas constantes nas agendas. Podem ser

citadas organizações como a Gesellschaft für bedrohte Völker (GfbV)⁵ ou o Infoe (Institut für Ökologie und Aktions-Ethnologie)⁶.

Vários antropólogos com formação regional americanista também encontraram empregos na chamada ‘indústria do desenvolvimento’ (*development industry*). Para estas agências e organizações, os povos indígenas nas Américas representavam, por várias décadas, um assunto irrelevante, em comparação com outros, definidos como prioritários. Apenas na década de 1990 foi possível constatar uma maior sensibilização da ‘indústria’ por temas que dizem respeito a minorias étnicas, etnicidade e, em termos mais gerais, ‘cultura’. Um dos resultados dessas mudanças nas agendas de uma das agências mais importantes da cooperação técnica alemã é uma coletânea com o título “Povos indígenas na América Latina e cooperação para o desenvolvimento” (GTZ, 2004), com contribuições de diversos antropólogos.

Complementando: etnologia indígena na RDA

As informações sobre a antropologia alemã, e sobre a etnologia indígena, depois da Segunda Guerra Mundial ficariam incompletas sem falar da situação na antiga República Democrática Alemã (RDA, ou DDR/ Deutsche Demokratische Republik), porque os cenários descritos até agora se referiram apenas à antiga Alemanha Ocidental e à Alemanha reunificada.

Na RDA, o nome oficial da área era *Ethnographie*. Ainda não foi publicada nenhuma sinopse da história da antropologia na RDA, enquanto o livro de Haller (2012) trata principalmente da antropologia na RFA. Atualmente, os trabalhos de Ingrid Kreide-Damani representam os estudos mais avançados sobre a história da antropologia na antiga RDA (por exemplo, Kreide-Damani, 2020). Além disso, há diversas análises de

⁵ A GfbV (Associação para os povos ameaçados) é uma organização de direitos humanos internacional que tem suas origens em ações iniciadas em 1968 para denunciar o genocídio em Biafra (Nigéria). Seu trabalho concentra-se em ações contra a discriminação de minorias étnicas, linguísticas e religiosas no mundo inteiro. Desde 1993, ela tem status de conselheira junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC). Para mais informações ver <https://www.gfbv.de/>; acesso em 22/08/2022.

⁶ O Infoe (Instituto de Ecologia e Antropologia da Ação) é uma organização não governamental, fundada, em 1987, como associação registrada, com escritórios em Colônia e Zurique. O enfoque de seu trabalho são direitos humanos, principalmente de minorias étnicas, em todas as partes do mundo. A ‘filosofia’ do instituto tem sua inspiração mais importante na *action anthropology* do antropólogo americano Karl H. Schlesier (1927-2015). Para mais informações ver www.infoe.de ou www.infoe.ch; acesso em 22/08/2022.

histórias institucionais locais como, por exemplo, uma coletânea sobre etnologia e geografia em Leipzig (Deimel et al., 2009) com vários artigos que apresentam informações sobre a antropologia naquela cidade entre 1945 e 1989.

O ambiente institucional era menor do que na RFA, embora alguns museus etnológicos tivessem um *staff* maior do que teria sido possível no lado capitalista. Os antropólogos da RDA tinham que respeitar certas restrições em suas opções de escolher lugares para pesquisas de campo. Os “países fraternais socialistas” (*sozialistische Bruderländer*) no Leste europeu, na Ásia e na África eram ideais em comparação com a (quase) totalidade do continente americano, onde em vários países a RDA nem gozava de reconhecimento diplomático.

Desse modo, a etnologia indígena, de caráter americanista, podia ser praticada principalmente como uma vertente histórica da área, baseando-se em etnografias antigas, objetos etnográficos (em museus) e leituras atentas de trabalhos científicos importados. Além das limitações impostas a viagens ao exterior, havia também certas restrições às opções teóricas, as quais não podiam se afastar categoricamente dos princípios do marxismo-leninismo.

Este quadro mudou radicalmente com a reunificação.

A etnologia indígena na Alemanha atual

Segundo o portal *Arbeitsstelle Kleine Fächer*, atualmente é possível cursar antropologia em 23 universidades na Alemanha, onde os cursos (*bachelor, master, doutorado*) são oferecidos com diversas denominações⁷. Há institutos em 12 dos 16 estados (*Bundesländer*), e em seis há mais de um instituto, porém em muitas universidades há apenas um professor titular ou catedrático (isto é, permanente) para a área. Além disso, há diversos museus etnológicos e outros museus com coleções etnográficas. Ironicamente, o maior instituto de antropologia de língua alemã não fica na Alemanha, mas na Áustria, em Viena, onde, no entanto, é o único do país.

⁷ <http://www.kleinefaecher.de/ethnologie/>; acesso em 22/08/2022. Denominações, em ordem alfabética: *Entwicklungssoziologie und Kulturanthropologie, Ethnologie, Ethnologie und Kulturanthropologie, Historische Ethnologie, Kultur- und Sozialanthropologie, Kulturwissenschaft mit Schwerpunkt Ethnologie, Sozialanthropologie, Vergleichende Sozial- und Kulturanthropologie, Völkerkunde.*

Nas duas décadas passadas, as especializações regionais dos institutos universitários passaram por transformações. No cenário atual, as regiões do mundo melhor representadas na antropologia alemã universitária são a África Ocidental, Oriental e Meridional, a Ásia Meridional, o Sudeste Asiático e a Ásia Oriental. A etnologia americanista, por sua vez, não cresceu. Sobraram três institutos com enfoque latino-americanista: na Philipps-Universität Marburg, na Leibniz-Universität Hannover e na Universidade Livre de Berlim. Em Berlim, porém, a etnologia americanista faz parte das atividades curriculares e de pesquisa do LAI (Lateinamerika-Institut), o qual é interdisciplinar. Nos institutos de antropologia nas universidades de Hamburgo e Munique é possível se especializar em uma região na América Latina, porém esta não representa as concentrações regionais principais. Na Universidade de Leipzig, não é mais oferecida a especialização regional em América Latina, que por muito tempo caracterizou o Instituto de Etnologia, em particular depois da Reunificação.

A etnologia das culturas indígenas da América do Norte (*Nordamerikanistik*) praticamente não existe mais na paisagem universitária, enquanto alguns museus, de vez em quando, ainda organizam exposições sobre os indígenas no Canadá e nos EUA. Na Alemanha atual, há mais ‘especialistas’ sobre os indígenas norte-americanos nos clubes de índios de *hobby* e lazer do que nos museus e universidades, ou seja, em ambientes onde os indígenas são folclorizados de uma maneira frequentemente contrária à *woke culture*. Concentrações regionais na América Latina, no entanto, não é um sinônimo de etnologia americanista. Os interesses direcionados para a América Latina existem nos mais diversos ambientes universitários na Alemanha, muitas vezes focalizados em cursos ou institutos interdisciplinares. Um dos institutos mais antigos e conhecidos continua ser o Instituto Ibero-americano em Berlim⁸, onde é editado e organizado o anuário *Indiana*, dedicado aos estudos das sociedades e culturas indígenas e multiétnicas da América Latina e do Caribe, tanto no passado como na atualidade⁹.

Em termos gerais, a etnologia das culturas e sociedades indígenas nas Américas continua ser uma subárea bastante marginalizada na Alemanha atual, apesar dos méritos de suas pesquisas, no passado e no presente.

⁸ <https://www.iai.spk-berlin.de/pt/home.html>; acesso em 22/08/2022.

⁹ <https://www.iai.spk-berlin.de/pt/publicacoes/indiana.html>; acesso em 22/08/2022.

Referências bibliográficas

ANTWEILER, Christoph; KNECHT, Michi; VOSS, Ehler; ZILLINGER, Martin (Hrsg.). **What's in a Name? Die Kontroverse um die Umbenennung der Deutschen Gesellschaft für Völkerkunde**. Bonn, Bremen, Köln, Siegen: boasblogs, 2019.

BALDUS, Herbert. **Bibliografia crítica da etnologia brasileira**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

BASTIAN, Adolf. **Der Völkergedanke im Aufbau einer Wissenschaft vom Menschen und seine Begründung auf ethnologische Sammlungen**. Berlin: F. Dümmlers, 1881.

BECHER, Hans. Dringende ethnologische Forschungsaufgaben in Nordwestbrasilien. **Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological Ethnological Research**, v. 5, p. 117-125, 1962.

BRAUKÄMPER, Ulrich. Trauma einer Ethnologen-Generation? Die Tagung der Deutschen Gesellschaft für Völkerkunde in Göttingen 1969. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, v. 127, p. 301–319, 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Por uma etnografia das antropologias periféricas. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1988, p. 143-159.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in Africa**. 4ª edição. São Paulo: Global, 2002.

DEIMEL, Claus; LENTZ, Sebastian; STRECK, Bernhard (Hrsg.). **Auf der Suche nach Vielfalt: Ethnographie und Geographie in Leipzig**. Leipzig: Leibniz-Institut für Länderkunde, 2009.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sievert. **História da antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GTZ (Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit) (Hrsg.). **Indigene Völker in Lateinamerika und Entwicklungszusammenarbeit**. Eschborn: GTZ, 2004.

HALLER, Dieter. **Die Suche nach dem Fremden: Geschichte der Ethnologie in der Bundesrepublik 1945-1990**. Frankfurt am Main: Campus, 2012.

HAUSCHILD, Thomas (Hrsg.). **Lebenslust und Fremdenfurcht: Ethnologie im Dritten Reich**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995.

HERMANNSTÄDTER, Anita. Brasilien – Land der Zukunft: Naturkundliche Expeditionen 1800-1831. In: STAATLICHE MUSEEN – PREUßISCHER KULTURBESITZ – ETHNOLOGISCHES MUSEUM. **Deutsche am Amazonas: Forscher oder Abenteuer? Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914**. Münster etc.: LIT, 2002a, p. 26-43.

HERMANNSTÄDTER, Anita. Symbole kollektiven Denkens: Adolf Bastians Theorie der Dinge. In: STAATLICHE MUSEEN – PREUßISCHER KULTURBESITZ – ETHNOLOGISCHES MUSEUM. **Deutsche am Amazonas: Forscher oder Abenteuer? Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914**. Münster etc.: LIT, 2002b, p. 44-55.

KÖNIG, Viola (org.). **Ethnologisches Museum Berlin**. (Prestel Museumsführer). München, Berlin, London, New York: Prestel, 2003.

KÖPPING, Klaus-Peter. **Adolf Bastian and the Psychic Unity of Mankind: The Foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany**. (History and Theory of Anthropology/ Geschichte und Theorie der Ethnologie, 1) Münster etc.: LIT, 2001.

KRAMER, Dieter. Abschied von der Nachkriegsethnologie: Der Fall der DGV-Tagung von 1969. **Paideuma**, Frankfurt am Main, v. 62, p. 223-241, 2016.

KRAUS, Michael. **Bildungsbürger im Urwald: Die deutsche ethnologische Amazonienforschung (1884-1929)**. Marburg: Curupira, 2004.

KREIDE-DAMANI, Ingrid. Ethnology in the German Democratic Republic (GDR): (Re-)Migration and Transfer of Knowledge behind the 'Iron Curtain'. **Bérose – Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie**, Paris, 2020. (<https://www.berose.fr/article1855.html?lang=fr>; acesso em 22/08/2022)

MENNE, Janne. Kultur, Volk und Rasse: Die deutsche Ethnologie im Nationalsozialismus und ihre Aufarbeitung. **Anthropos**, Fribourg, v. 106, n. 2, p. 529-545, 2011.

MÜNZEL, Mark (Hrsg.). **Die indianische Selbstverweigerung: Lateinamerikas Ureinwohner zwischen Ausrottung und Selbstbestimmung**. (rororo aktuell) Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1978.

MÜNZEL, Mark. **Gejagte Jäger, Teil 1: Die Aché in Ostparaguay**. (Roter Faden zur Ausstellung, 6) Frankfurt am Main: Museum für Völkerkunde, 1983.

OBERDIEK, Ulrich. **Hierarchie und Gehorsam im Fach Ethnologie: Ihr Einfluss auf die Theorieproduktion in Deutschland seit 1950**. Berlin, Münster: LIT, 2013.

PENNY, Glenn H. **Objects of Culture: Ethnology and Ethnographic Museums in Imperial Germany**. Chapel Hill, London: The University of North Carolina Press, 2002.

PETERMANN, Werner. **Anthropologie unserer Zeit**. Wuppertal: Peter Hammer, 2010.

PETSCHELIES, Erik & SCHRÖDER, Peter (org.). **Max Schmidt – Os Aruaques**. (Coleção Mundo Indígena). São Paulo: Hedra, 2021.

PINA CABRAL, João de. Uma história de sucesso: a antropologia brasileira vista de longa. In: TRAJANO FILHO, Wilson; RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.). **O campo da antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa / Associação Brasileira de Antropologia, 2004, p. 249-265.

PINHEIRO, Cláudio Costa; SCHRÖDER, Peter; VERMEULEN, Han F. Introduction: The German Tradition in Latin American Anthropology. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 62, n. 1, p. 64-96, 2019.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Antropologias mundiais: para um novo cenário global na antropologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 147-165, 2006.

SCHMIDT, Max. **Die Aruaken: Ein Beitrag zum Problem der Kulturvergleichung.** (Studien zur Ethnologie und Soziologie, 1) Leipzig: Veit & Comp., 1917.

SCHRÖDER, Peter. **União e Organização: Zur Entstehung modernen indigenen Widerstands in Brasilien. Eine vergleichende Untersuchung anhand von Fallbeispielen.** (Mundus Reihe Ethnologie, 68) Bonn: Holos, 1993.

STAATLICHE MUSEEN – PREUßISCHER KULTURBESITZ – ETHNOLOGISCHES MUSEUM. **Deutsche am Amazonas: Forscher oder Abenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914.** Münster etc.: LIT, 2002.

VERMEULEN, Han F. **Before Boas: The Genesis of Ethnography and Ethnology in the German Enlightenment.** Lincoln: University of Nebraska Press, 2015.

WOLFRADT, Uwe. **Ethnologie und Psychologie: Die Leipziger Schule der Völkerpsychologie.** Berlin: Reimer, 2011.

ZERRIES, Otto; SCHUSTER, Meinhard. **Mahekodotedi: Monographie eines Dorfes der Waiká-Indianer (Yanoama) am oberen Orinoco (Venezuela).** München: Renner, 1974.